

BENJAMIN, Walter. *A criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo, Summus, 1984, 120 p.

O livro é traduzido do original em língua alemã, lançado em 1969, e chega até nós, através da coleção "Novas Buscas em Educação", da Summus Editorial,

organizado por Fanny Abramovich, não sem tempo de resgatar e preservar os verdadeiros valores da infância e da juventude.

São artigos, resenhas, notas e comentários escritos por Benjamin, durante o período de 1913 e 1932, relativos à infância, jogos, brinquedos, livros infantis, jovens e educação. Vilcon Pereira, na sua apresentação do livro, sintetiza com muita lucidez o significado do pensamento benjaminiano, quando diz: "... as vicissitudes da razão dialética às voltas com os fascinantes mistérios evocados pelos soldadinhos de chumbo e bonecas de pano, parque de diversões e cartilhas, jogos de bola e contos de fadas, lições de moral e coleções de selos. Instigantes campos de provas, radicais desafios à doutrina da luta de classes e da determinação dos valores espirituais pelas condições materiais de produção e reprodução da vida social..."

O livro se inicia com uma série de artigos (p. 17 a 42), mostrando o seu despertar enquanto pensador apaixonado, escritos entre 1913 e 1915. Já nessa época, com pouco mais de vinte anos, suas análises denunciam a sólida tradição filosófica europeia de sua formação, desvelada nos questionamentos sobre a Moral; Relação adulto e sua experiência com o jovem à Religião; a vida de Estudante em contraste com os valores impostos e vigentes na sociedade. A habilidade de não fechar as questões, mas de dar novas contribuições para fomentar a discussão traz sua marca quando afirma: "Todo aquele que questionar sua vida com a exigência mais elevada encontrará seus próprios mandamentos. Libertará o futuro de sua forma desfigurada, reconhecendo-o no presente". (p. 41).

Nos demais artigos, escritos já entre 30 e 40 anos, apresenta momentos luminosos, onde com uma paixão que chega a ser profética, consegue concretizar uma visão revolucionária (enquanto real e despida de mistificações) sobre a criança e sua relação com os adultos e com a socie-

dade. Para ele, muito mais próximo da criança que o pedagogo bem intencionado, estão o artista, o colecionador e o mago.

O brinquedo e o brincar são encarados enquanto movimento de libertação da criança, na medida em que possibilitam à criança "re"-inventar seu mundo. "As crianças fazem a história a partir do lixo da história. É o que as aproxima dos inúteis, dos inadaptados e dos marginalizados." Nos faz ainda viajar pelo mundo dos brinquedos, sua história cultural desde o seu surgimento na Rússia e Alemanha. "legítimos gênios do brinquedo por estabelecerem uma relação viva entre o brinquedo e a vida". Benjamin afirma que os brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e especial: são, isso sim, um diálogo simbólico entre ela e o povo. Denuncia a passagem do brinquedo artesanal e sua crescente industrialização, evidenciando seu afastamento da criança e da sua família, repercutindo no vínculo pais-filhos.

Num terceiro conjunto de artigos aborda a literatura infantil, fazendo uma análise sobre a importância desta na vida emocional e cultural da criança, mostrando profundo domínio sobre a capacidade simbólica da criança e do papel da psicanálise dos contos de fadas, recentemente levantadas por Bruno Bettelheim. Resgata também a relação escrita-desenho: "Frente ao seu livro ilustrado a criança coloca em prática a arte dos taoístas consumados: vence a parede ilusória da superfície e, esgueirando-se entre tapetes e bastidores coloridos, penetra em um palco onde o conto de fadas vive (p. 55) Aceita sem romantismos o mundo belo e cruel dos contos de fadas, onde a omissão do mal, do "agressivo", com a desculpa de modernizá-lo, tendência de certos educadores, levaria à ruptura com essa forma de cultura e com a própria criança.

Como pano de fundo de todo o livro, nota-se uma preocupação com a Pedagogia, chegando a tratar dela mais especificamente, nos artigos "Uma Pedagogia Comunista" (p. 89) e "Programa de um trabalho Infantil proletário (p. 83)"Entende que a função da educação é a luta de classes, mas denuncia a "necessidade de completar a exposição política com a exposição filosófica, através da elaboração de todos os pressupostos para uma antropologia dialético-materialista da criança proletária (p. 91). Suas sugestões nos levam a refletir e repensar a relação entre a nossa prática enquanto educadores e a teoria. Mas o grande mérito deste

livro consiste na tentativa de Walter Benjamin nos fazer ver que o verdadeiro espaço a ser restituído à criança é o de possibilitá-la viver o mágico, o lúdico, o social e o político, através dos brinquedos livros, teatro, ou seja seus "reais instrumentos de trabalho". Significa devolver aos educadores a sensibilidade de perceber a concreticidade da infância sem deramamentos desnecessários, para poder atuarem junto a ela de maneira verdadeiramente revolucionária.

O estilo de Benjamin é límpido e poético, apaixonante e instigador. Em suma, um convite à boa leitura.

Ana Beatriz Cerizara